

**“Presidência do Conselho da União Europeia”
Conferência com Primeiro-Ministro e José Manuel Durão Barroso
UCP, 23 de Novembro de 2020**

Palavras de encerramento
João Carlos Espada

**Senhor Primeiro-Ministro, Excelência,
Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa,
Senhor Director do Centro de Estudos Europeus,**

**Senhores Embaixadores,
Distintas autoridades civis e militares,**

Senhores Professores, Caros Colegas, Estimados Alunos,

Senhoras e Senhores,

Em nome do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, cabe-me agora encerrar esta magnífica sessão com um agradecimento muito enfático a todos os que estiveram connosco — quer presencialmente, quer virtualmente.

Um agradecimento muito especial é devido em primeiro lugar ao Senhor Primeiro-Ministro António Costa, que nos deu o raro privilégio e o prazer da sua presença e de proferir aqui uma das suas primeiras intervenções públicas de fundo sobre a próxima Presidência portuguesa do Conselho Europeu — que vai ocorrer no já muito próximo primeiro semestre de 2021. Foi uma apresentação de vasto alcance e profundidade que vai seguramente marcar o debate na praça pública da nossa orgulhosa democracia pluralista.

E tivemos também o privilégio de assistir, aqui mesmo, ao início desse debate, com grande elevação e respeito mútuo — como é timbre das democracias liberais, pluralistas e constitucionais. Agradeço muito enfaticamente ao Professor José Manuel Durão Barroso, Director do Centro de Estudos Europeus do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, a iniciativa de ter concebido a proposta deste Encontro e de ter viajado de Londres para Lisboa com o propósito específico de estar hoje aqui connosco.

Last but certainly not least, devemos também um agradecimento muito enfático a nossa Reitora, Professora Isabel Capelo Gil, que presidiu à sessão e nos dirigiu palavras de abertura muito amáveis e inspiradoras.

Sei que todos temos consciência de que é uma coincidência muito especial termos tido o privilégio de assistir a uma conversação sobre a União Europeia entre o actual Primeiro-Ministro de Portugal, próximo responsável pela Presidente portuguesa do Conselho da União Europeia, e um ex-Primeiro-Ministro de Portugal que foi depois Presidente da Comissão Europeia durante dois mandatos.

Temos legítimo orgulho de que esta coincidência muito especial tenha tido lugar na Universidade Católica. E há outras coincidências especiais que envolvem os protagonistas do nosso debate de hoje e a Universidade Católica.

Em primeiro lugar, como já foi referido, o Primeiro-Ministro António Costa fez aqui — na Universidade Católica, em 1985-86, — a sua Pós-graduação em Estudos Europeus (Vertente Jurídica). Esse programa decorreu no então recém-criado Centro de Estudos Europeus, fundado pelo nosso querido Amigo e Mestre, Professor Ernâni Lopes.

Acontece que o Professor Ernâni Lopes foi também co-fundador do Instituto de Estudos Políticos, dez anos depois, em 1996 — juntamente com os Professores Mário Pinto, Manuel Braga da Cruz, Jorge Miranda, Adriano Moreira, João Luís César das Neves e eu próprio. Ernâni Lopes manteve entretanto a direcção do Centro de Estudos Europeus — que viria a ser integrado no IEP após a sua morte prematura em Dezembro de 2010.

Acontece ainda que, em 2015, o Dr. José Manuel Durão Barroso muito amavelmente nos deu o privilégio de aceitar o nosso convite para assumir a direcção desse mesmo Centro de Estudos Europeus, sucedendo assim ao seu fundador, Ernâni Lopes.

São certamente coincidências especiais. Creio que — uma vez que obviamente não resultaram, nem obviamente poderiam ter resultado de qualquer plano central — elas exprimem algo muito mais importante do que os sempre efémeros e falíveis planos centrais. Atrevo-me a sugerir que aquelas coincidências especiais exprimem uma vasta, plural e perene convergência dos seus protagonistas e desta Universidade: a convergência nos valores europeus - e eu gosto sempre de acrescentar europeus e euro-atlânticos, por isso temos sempre a bandeira da NATO, nos eventos do IEP, juntamente com a bandeira da União Europeia. Todos subscrevemos com orgulho os valores euro-atlânticos da democracia, do Estado de Direito, da economia social de mercado, do comércio livre e do multilateralismo.

Seja-me permitido recordar que esses valores comuns não supõem uniformidade de pontos de vista sobre disposições ou programas políticos específicos. Como sublinharam os autores anti-autoritários do século XX (anti-fascistas e anti-comunistas) que estudamos atentamente no IEP — Karl Popper, Isaiah Berlin, Michael Oakeshott, Raymond Aron, para citar apenas alguns, e acrescento ainda com muito gosto Winston Churchill, que o senhor Primeiro-Ministro muito oportunamente citou — a democracia é obra comum de partidos rivais. Isto supõe recusa da

uniformidade e aceitação do pluralismo. E, por isso mesmo, também supõe recusa do espírito tribal entre os chamados amigos contra os chamados inimigos. E supõe a gentil aceitação de regras gerais de boa conduta na desejável concorrência entre partidos rivais — as quais se exprimem, em primeiro lugar, na convivência cordial entre partidos rivais no Parlamento, como gostava de recordar Mário Soares, que foi aqui também tão oportunamente citado pelo Primeiro-Ministro.

**Senhor Primeiro-Ministro, Excelência,
Senhora Reitora,
Senhor Director do Centro de Estudos Europeus,**

Para concluir, seja-me permitido recordar que no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica nós dedicamos particular atenção ao estudo da tradição do pensamento político europeu e ocidental. No centro desta tradição, acreditamos descobrir a ideia pluralista que distingue o Ocidente — nas suas raízes plurais em Atenas, Roma e Jerusalém.

Gostamos também de recordar que a ideia de Universidade esteve no centro dessa ideia de busca pluralista da Verdade, do Bem e do Belo. Somos orgulhosos membros do clube *Europaeum* — que reúne algumas das mais antigas Universidades europeias, incluindo Bolonha, Sorbonne, Oxford, Leiden, Jagiellonian, entre muitas outras. Todas essas Universidades nasceram cristãs e todas enfatizaram a sua independência do poder político. Mas essa independência não era expressão de animosidade contra esta ou aquela tendência política particular. Era apenas expressão da aspiração ao diálogo pluralista entre propostas diferentes, independentes dos poderes políticos — na busca comum da Verdade, do Bem e do Belo.

Tivemos hoje o grato privilégio de testemunhar um elevado debate pluralista, na melhor tradição europeia e ocidental. Ficamos muito gratos.

Muito obrigado.